

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E IMAGEM
DISCIPLINA “HISTÓRIA ORAL” – PROJETO TRABALHO E IDENTIDADE
PROFESSOR MARCOS ALVITO

Transcrição da entrevista com Paulo Roberto Teixeira (vigilante e montador de exposições de arte). Realizada em 12 de Novembro de 2004.

Duração: 60 minutos

Número de fitas: 1 (uma)

Presentes: Mariana Furloni e Paulo Roberto Teixeira

Local: Pátio das ruínas da Casa da Moeda no Paço Imperial, centro do Rio de Janeiro.

Legendas: M: Mariana Furloni

P: Paulo Roberto Teixeira

Trechos entre colchetes [] – situam situações presenciadas na entrevista

Trechos entre parênteses com interrogação (?) – trechos não entendidos.

Fita 1 – Lado A

M: Dia 12 de novembro de 2004, estamos eu, Mariana Furloni pesquisadora, para entrevistar o Paulo, aqui no Paço Imperial, centro do Rio de Janeiro. A gente vai fazer uma entrevista com o Paulo Roberto Teixeira, aqui no Paço Imperial, eu queria perguntar, pra você falar um pouquinho da sua trajetória de vida, onde que você nasceu e..., sua infância...

P: Ah, eu nasci em Sapucaia, estado do Rio, na realidade eu nasci em São Vicente de Minas, aí vim pra Sapucaia, estado do Rio e nesse período vivi ali em fazenda, cuidei de gado, de curral, com cinco, seis anos, tirava leite... era um cara assim bem... do interior mesmo, bem... que eu até adorava sabe, amarrar a vaca e tirar o leite, até bebia o leite da vaca... E com isso eu tive uma, hã, uma experiência né, de ter contato com os animais, plantas e aprendi com eles. Aí, daí pra lá eu vim pra Petrópolis, morei muito tempo em Petrópolis...

M: Você tinha uma família grande?

P: É... na realidade a minha família era assim, composta de nove irmãos, a gente era onze mas aí morreu dois, então nós éramos nove irmãos, entre duas meninas e o resto homens. Meu pai foi um grande pai, sabe, ensinou muita coisa dentro do conhecimento dele, da vida, muita coisa...

M: Ele fazia o que?

P: Na época... ele cuidava de... gado, de plantações e tal, mas era um grande marceneiro, um grande carpinteiro, um grande marceneiro, quando nos viemos pra Petrópolis ele realmente foi encarregado de obra, mestre de obra depois, tem um prédio na Aureliano Coutinho que ele, Aureliano Coutinho né, que ele pegou da fundação, até o final, e a gente achava maravilhoso isso, ter um pai que era tão importante assim... mas ele era bronco, dentre outras coisas ele era bronco, ele [...] coisas da roça, mas era um cara inteligente, tinha pouco estudo porém, era inteligente pela... dele mesmo, né?

M: Habilidoso, né?

P: Habilidoso, muito habilidoso. E nós estudamos assim, digamos, na época lá em Petrópolis, a gente estudou o que, primário né, e eu acho até um fato importante assim da minha vida por que... no início da minha vida eu já tive um contato com arte e... e... foi com Candido Portinari. Meu primeiro colégio se chamava Grupo Escolar Candido Portinari. Lá em Itaipava. E foi muito legal por que eu comecei já a conhecer O Sapateiro, Paisagem de Brodoviski... os Cafezais que eu acho que hoje pertence ao [Mam?], se eu não me engano mas assim, não tem nome né? O importante é que eu tive esse contato com a arte já desde menino, já conhecia as replicas dele e comecei a conhecer a historia de Portinari e , e... foi passando a vida e aí depois eu sai de lá, uma trajetoria difícil, sai de casa, ...

M: Hã?

P: É... que não foi muito legal assim, trabalhei muito tempo como jardineiro, né, mesmo em Petrópolis eu podava muitas coisas assim, muitos cipestres, coisas de jardim, cuidei de rosas, coisas assim , jardins de um modo geral, tinha muito prazer em cuidar das plantas, eu conversava com as plantas... era legal.

M: Você aprendeu sozinho, com a jardinagem?

P: No fundo, no fundo não aprendi sozinho né? É lógico que tinha aquele dom lá da roça de, de, do que a terra precisava pra dar uma boa adubagem, digamos orgânica, que hoje a gente fala orgânica, na época a gente nem sabia, era esterco de, cocô de vaca né? Aí eu, eh ehe, eu tinha esse conhecimento, e quando eu vim pra Petrópolis eu já conhecia muitas coisas, e conheci uma senhora que se chamava dona Lurdes que, eu trabalhava na casa dela, e ela uma senhora já idade, acho que sessenta e oito, se eu não me engano, e ela me ensinava como cortar grama, ela me ensinou como cortar grama com tesoura, como cuidar de Antunio (?), Antulhos né, Antulhos...

M: Qual, qual que é o Antunios?

P: É uma planta, é uma planta que dá assim, ela tem uma folha verde assim, em Petrópolis tem muito, dá um, um, uma flor, um talinho assim no meio, tem varias cores, entendeu? Então era uma planta especifica lá de Petrópolis, tem em outros lugares, mas em Petrópolis tem muito, assim como Hortênsia. E a gente cuidava muito, e ela me ensinou muito como cuidar dessas plantas entendeu? Como Boca de Leão, jardins de um modo geral. Essa senhora, que era minha patroa na época, me ensinou a cuidar de jardim, eu achava interessante eu, uma senhora daquele jeito, daquela idade, fazer as coisas, mas ela precisava de alguém mais forte...

M: Pra ajudar...

P: Pra fazer... tudo e ela me ensinou e eu aprendi muito de jardinagem. Lá ainda aí aprendi a trabalhar em cozinha, na, ah, a ser copeiro... Quer dizer, eu fui jardineiro, copeiro, faxineiro, depois motorista, tudo dentro de uma casa de família...

M: Quando você era jardineiro, você tinha mais ou menos quantos anos?

P: Aah, tipo doze pra treze anos. E até os dezesseis assim eu fiquei trabalhando assim. Fui pra Petrópolis, não, já tava em Petrópolis, aí mas vim mais pro centro de Petrópolis, aí vim morar na Aureliano Coutinho, morei no retiro das pedras (?) tem até um orquidário lá, famoso esse orquidário, depois eu vim mais pro centro da cidade, a Aureliano Coutinho, ela sai na Pedro II ali eh, eh, Dom Pedro,[?] e sai sobe pra 24 de Maio, depois vai pra rua Teresa. Termina na rua Teresa, ali a rua das malharias. Aí eu morei ali um bom tempo, foi quando eu sai de casa, e fui...

M: Você já era adolescente já...

P: é, é, uns dezesseis pra dezessete, e fui morar numa casa de família, na rua Teresa...

M: Como é que é casa de família? É um pensionato?... Como é que é o esquema?

P: Não, não, é empregado doméstico. É uma família rica que precisa de copeiro, de faxineiro, jardineiro, é assim.

M: Você dorme lá...

P: Dorme lá, come lá, que... eu achava que, eu achava não, eu acho até hoje que é um bom começo né? Primeiro que você tem, como eu vou te informar assim, você tem uma boa educação, alimentação, moradia, né? E aprende a ser, sabe? Uma pessoa fina, uma pessoa educada...

M: A boa educação que você diz...

P: Isso.

M: Como assim?

P: É, em cultura e boas maneiras, entendeu? Por que quando você vive num ambiente que só tem cultura, claro que você só vai aprender cultura. Se você viver

num ambiente que só tem cultura você não vai aprender bandidagem. Sabe? Coisas ruins, eh, coisas boas. Então nesse período que eu trabalhava nessa casa eu só aprendi coisas boas. Primeiro por que a família era tradicional, e as pessoas, as filhas, os filhos né, estudavam na época e me passavam, inclusive uma delas, me ensinou muita coisa entendeu, me dava aula particular, e eu tinha parado de estudar então ela que me incentivou a voltar... então eu fiz meu, meu, hoje a gente chama de primeiro grau né, antigamente era primário e ginásio, aí eu fiz... ela me incentivou a voltar a estudar, me dava algumas aulas particulares... e eu aprendi muita coisa com essa família, vindo pro Rio com essa família, continuei estudando... aí fiz o segundo grau...

M: Já no Rio?

P: E... foi onde eu comecei a ver a vida de uma forma diferente. Televisão. Eu via televisão né. E achava que era muito bonito as coisas. Eh, visto pela televisão, mas você viver é diferente, muito diferente. Você depara com situações em uma cidade grande, você vindo do interior, né, automaticamente você... pô, você tem aquela ilusão de coisas bonitas e grandiosas e de repente você repara que não são tão grandes, entendeu? E as vezes eu costumo dizer que eu vivi num paraíso e não, não sabia. Eu conheci muitas pessoas importantes, vivi com muitas pessoas importantes... na época eu não dava a mínima importância por que eu nem sabia que era tão importante.

M: E o que que você fazia já no Rio, com essa família?

P: Com essa família eu continuava trabalhando como domestico. Só que aí eu comecei a fazer datilografia na época, comecei a estudar técnico escritório no Ted(?), famoso TED, "times is money" [risos].

M: [risos]

P: Gostei, e comecei a ter gosto pelo estudo e comecei a tentar, como é que eu vou te dizer, desenvolver, comecei a descobrir que eu estava numa cidade grande e precisava crescer do tamanho da cidade, pra permanecer naquela cidade. Aí comecei estudar, a fazer datilografia, técnico de escritório, contabilidade, os cursinhos que todo mundo faz.

M: E aonde você fazia os cursinhos?

P: No TED no caso, em Ipanema. Eu vim diretamente para ,para o, o Jardim Botânico, na Lagoa, quase esquina com a Maria Angélica, né, Borges de Medeiros ali quase esquina com a Maria Angélica. Estudei no Divina Providencia um bom tempo e nesse tempo que eu estudei no Divina Providencia, descobri coisas tipo, não dá pra você ser só um domestico, um homem principalmente, domestico... eu não tenho nada contra, hoje, mas eu acho que tem que evoluir né, então eu comecei a ter gosto pelo estudo e eles me ajudavam, que eu comecei a morar com essa família na realidade trabalhava mas no fundo, no fundo era mais filho do que empregado.

M: Mas como é que era o sistema assim... tinha carteira assinada? Como é que era?

P: No início não por que domestico só começou a assinar carteira em setenta e dois, ou setenta e três se eu não me engano. Então no início era apenas alguém que zelava pela casa, e, e, um cicerone como se diz antigamente, um mordomo... era tudo na casa, desde faxineiro a copeiro, cozinheiro, fazia tudo dentro da casa, e... isso não me diminuía muito pelo contrario, me engrandecia, né. Aí foi passando, passando, e tal e aí quando eu vim já pro Rio, aí comecei já a estudar, assim fazer outros cursos, e comecei a ver a vida de uma forma diferente. E eles me incentivavam que eu realmente desenvolvesse. Que eu estudasse e procurasse realmente uma coisa mais... palpável.

M: Só tinha você, Paulo, na casa, ou tinha outras pessoas trabalhando?

P: Em Petrópolis era uma casa muito grande, as famosas casas rosas, que pertenciam lá aos Bragança, pagavam imposto e tal, era eu e mais uma cozinheira na época. Quando pro Rio, já eu vim, já tinha uma cozinheira, essa cozinheira veio... eu e mais um rapaz que também trabalhava, um rapaz assim bem de uma certa idade, que já trabalhava na casa, por que a gente veio trabalhar na casa do pai dessa pessoa entendeu? [...] e tal, o famoso Oscar Santana que era dono da Kosmos(?) Engenharia, [...] mas depois ele veio a falecer e aí esse rapaz também saiu e aí eu na realidade tomava conta da casa, lá os metais, limpava os metais, as pratarias, aquelas coisas que... e cuidar do jardim da mesma maneira né. Eu tinha um pouquinho de dedo verde assim né.... eh... botava lá e as coisas brotavam era interessante. Mas aí continuando... estudando, estudando, comecei a ver que a vida tinha um outro mundo, um outro mundo, não era só aquilo do interior. Claro, cresci, vi outras coisas e comecei a estudar, tentar buscar algo maior... o que que é algo maior? É o conhecer, que pra mim era importante. Fiquei lá um tempo e, não queria ser mais um simples domestico, achava que era... quer dizer comecei a descobrir que era muito pouco... não que me diminuísse mas era muito pouco pro que eu queria. E aí comecei a buscar... a ler jornal, a fazer entrevista pra trabalho, achei na época, que tava preparado né, tipo tinha datilografia, técnico de escritório, contabilidade... tal , segundo grau... ta na hora de sair a luta, mas eu me esquecia que eu trabalhava numa casa e que não tinha onde morar. Não é mesmo, e que... mas... eu levava assim já que as pessoas me tratavam como tal.

M: Você lembra como é que era o cotidiano assim... quantos dias você tinha de folga...que horas que você estudava... Como é que você estudava?

P: Ah, poxa é como eu tô te dizendo, eu não era mais um empregado, por que oh, eu levantava de manha pô molhava as plantas, ia pegava na padaria, pegava o pão e o leite, botava a mesa né, na copa, botava a mesa, o café deles, servia, depois que servia lavava a louça, eu era copeiro assim né, logo em seguida eu saia que eu pegava no TED as nove horas, que eu morava no Jardim Botânico e saia assim como... sabe, as meninas iam pra faculdade delas, eu saia também e ia pro meu curso e aí chegava as onze horas, botava a mesa, servia o almoço, entendeu? E logo em seguida, servia o almoço, cuidava do jardim, cuidava, fazia, eu tinha uma rotina de trabalho pra poder dar conta... quando era quatro horas eu ia pra datilografia, né, voltava, botava a mesa, tal não sei que lá, e aí voltava pro colégio que eu estudava a noite no Divina Providencia, quer dizer era uma rotina assim quer dizer ficava mais tempo fora do que trabalhando na realidade... Ta. Isso já foi no

final, já assim os dois, três últimos anos, não os dois últimos anos, aí quando eu comecei a procurar esse lance de serviço eu lia no jornal onde tinha entrevista e ia, foi quando eu entrei pros Correios. Fiz um concurso em setenta e cinco, pra mensageiro, é...

M: Mensageiro... só pra ver se eu entendi o que que é...

P: Entregar telegramas.

M: Ah, especificamente telegramas?

P: Na época, mensageiro era o cara que, foi o primeiro concurso nos Correios pra mensageiro, um função criada só de entrega, tinha o carteiro e criaram uma função chamada mensageiro. Fui o primeiro colocado inclusive, tirei em primeiro lugar e fiquei, pulei de alegria... só que dois anos, um ano e onze meses depois eu pedi demissão, entendeu?

M: Do...

P: Dos correios. Tá. Por alguns motivos assim e tal... e voltei a trabalhar numa casa de família, digamos assim.

M: Mas quando você tava nos Correios você continuou trabalhando na casa?

P: Não, não. Fiquei durante, eu sai, sai da casa assim onde eu trabalhava e fui trabalhar nos correios, mas fiquei seis meses morando nessa mesma casa e é lógico que eu achei até interessante que ela me perguntou "Poxa, você pode ficar morando aqui mas no dia que você estiver de folga, você pode fazer a feira pra mim?" Por que já era uma rotina... e eu pá, lógico, continuei fazendo, assim dentro dos meus horários, fazendo coisas que dava pra fazer, que mesmo eu trabalhando nos correios eu tinha horário, cada semana, era escala, cada semana eu tava num horário... então eu continuava fazendo as mesmas coisas, assim sabe, cuidando da limpeza, tal dos vidros, da casa, de um modo geral. Assim só que eles não me pagavam mais nada entendeu, lógico que também eu morava lá, comia, bebia e dormia então, o mínimo que eu podia fazer era fazer alguma coisa e... não queria que elas me pagassem lógico. Aí fiquei durante seis meses depois eu sai, e fui morar por conta entendeu? Nesse período que eu trabalhei no correio eu morei em vaga, vaga é uma coisa horrível, você...

M: Vaga é pensão?...

P: Você mora com sete pessoas dormindo no mesmo quarto, que você não conhece... tá ali, aí eu pagava né, depois eu achei que não era lega, aí dividi apartamento com um amigo que trabalhava no correio, mais dois amigos, aí nós fomos morar em Ipanema... era do gerente dos correios, da, da... como é que fala... da loja, não é loja não, é da... agencia. O gerente tinha direito a um apartamento, como ele já tinha um no mesmo prédio, não podia alugar pra...

M: Pessoas de fora...

P: É pra ganhar dinheiro. Então ele alugou pra gente, num sentido assim, um dinheiro bem, um aluguel bem compatível com o que a gente ganhava, então a gente foi morar em Ipanema, a gente estudava na época, os três, três rapazes, a gente foi morar no apartamento, com dois quartos, sala, cozinha, banheiro, grande, bonito... e, claro que a gente cozinhava, cada dia era dia de um, do outro e tal, dividia... bom, já assim, tinha uma experiência de vida, dava pra dividir legal, e moramos lá um bom tempo, depois eu sai dos correios e voltei pra uma casa de família por que eu comecei a me endividar. E achei que os correios, os correios só pagavam dois salários mínimos na época, não dava pra uma sobrevivência já que eu tava acostumado com um nível de vida alto, né? Classe media, era classe media alta mesmo. Quer dizer tinha [bom endereço?], tudo, tava acostumado com aquilo ali. Eu vivi um bom tempo da minha vida tendo esse padrão de vida, e fui morar sozinho e automaticamente eu não consegui é... como é que eu vou te explicar é... voltar a minha infância e viver como pobre.

M: Você lembra alguma ocasião... que você percebeu isso assim?

P: Me lembro sim, tipo... eu estava num bar almoçando assim, sabe, aí poxa, não tinha uma comida, no bar que eu tava almoçando, por que era o único lugar, que eu comprava fiado ali a comida, aí não tinha o que eu quisesse comer, que fosse compatível com o meu sonh, com o meu desejo, sabe? E aí veio uma língua, sabe horrível, e aí eu comecei a comer, pô isso não ta certo, eu não mereço isso,... não ahhh, deixei tudo pra lá, e levantei e tomei uma decisão na vida: eu vou voltar a fazer o que eu fazia. Foi um momento de fraqueza, não resta a menor duvida. Nesse mesmo dia, por acaso, eu encontrei um amigo que trabalhava como caseiro, né, em algumas casas, “tenho um amigo lá, uma casa lá vizinha que ta precisando de caseiro, não quer ir pra lá não?” Eu disse “poxa, é agora”. Pedi demissão nos correios e fui trabalhar de novo de caseiro numa outra casa exatamente por esse momento de sentir a falta de um padrão de vida que eu tava acostumado.

M: O trabalho de caseiro é igual ao trabalho que você tinha antes?

P: Isso. Era, era, quando era na infância. Por que você vai morar na casa, vai cuidar do jardim...

M: Mas fica vazia a casa, né?

P: Não, não, não eles moram no local, entendeu? Eles moram no local, caseiro é assim: ele cuida da casa, ele mora, tem lá seu quarto, aí pô tem todo o jardim pra você cuidar, a parte de fora, vidraças e tal... voltei, voltei a cuidar da parte de fora, jardim, vidros e tal, depois, a medida que eles foram me conhecendo né, com as habilidades que eu já tinha, fui copeiro de novo, servia altos jantares, por que tinha essa habilidade, sirvo a francesa, sirvo de um modo assim, tenho esses conhecimentos e não só de servir mas de cozinha mesmo, né? E, voltei de novo a tudo que eu era antes, aqueles dotes que a vida me proporcionou dentro da casa de família. Quer dizer, eu aprendi um padrão de vida, apesar de trabalhar, isso me deu um padrão de vida.

M [...]

P: É... eu comecei a conhecer isso tudo... por isso que nesse dia eu me senti mal lá dentro do bar, sabe, o ego falou mais alto e aí “pô, não, não to acostumado com isso”. Me senti uma mosca ali, sabe, aquilo ali doeu sabe e eu “não, eu prefiro, não quero ter uma profissão tão importante, eu quero ser eu”. Aí foi a hora que doeu e eu falei “não, eu prefiro ser o doméstico do que ter uma profissão muito importante lá, e ser uma mosca; como doméstico eu sou um nome bem inferior, mas o meu padrão de vida é superior, lá naquela profissão que me dá um nome como ser, como homem, porém me deixa lá em baixo, por que o padrão de vida...”. Aí, eu bolei. Só que... passou né? Como eu já tinha uma experiência de vida, trabalhei nessa casa um bom tempo, um ano, digamos assim...

M: Era no Rio?

P: No Jardim Botânico mesmo. Lá na Joaquim Campos Couto, lá no Jardim Botânico. Aí o que que aconteceu? Nesse período, quando eu tava no correio eu comecei a lutar, participar de academia, claro que você desenvolve, né, o seu subconsciente começa a pedir coisas modernas, né, então influenciado por Bruce Lee...

M: Você começou a lutar o que?

P: Karatê. Lutar Karate, praticar e, e... me dei por inteiro à arte. E fui bom, fui bom, cheguei a ser campeão brasileiro... então me dava por inteiro e comecei a ficar conhecido, né? No início eu pagava, depois passei a não pagar mais, e tal, ter uns patrocínios assim, nesse período eu conheci uma pessoa que era da academia, que fazia ginástica, não Karate, ginástica rítmica, hoje tem outros nomes, aeróbica sei lá, essas coisas, mas era ginástica rítmica que ela, e eu também por ter me desenvolvido legal no karate, dentro da academia eu podia fazer todas as modalidades que tinham na academia então é claro que eu aproveitava, fazia ginástica pra ficar mais elástico, eu queria ser um lutador moderno, não queria ser arcaico, eu queria ser bom, como era, queria ser um cara é... ter um físico legal, e fiquei um bom tempo invejável, né? Um físico invejável... podia fazer todas as modalidades, como fiz judô, capoeira, mas no karate foi onde eu realmente desenvolvi. Cheguei a ser campeão brasileiro e aí nesse período eu conheci uma pessoa, que no fundo, no fundo era uma paquera e tal mas eu já tava trabalhando nessa casa, já tinha passado dos correios e já tava trabalhando nessa casa, lá que eu voltei e ela tinha uma outra casa, e eu passava sempre na rua dela. Na rua onde eu morava né, trabalhava lá numa casa...

M: E onde que era a academia?

P: No Jardim Botânico. É, é, Colégio Divina Providencia, Sergio Zacaro(?), o estúdio Sérgio Zacaro... hoje ela não existe mais como academia, entendeu? Mas na época era um grande estúdio, todo... toda a cobertura do colégio era um estúdio, com dez salas se eu não me engano, acho que tinha, desenvolveu na época tava em moda né e tal, ele conseguiu desenvolver, ele começou dando educação física no colégio e depois ele abriu uma academia e fez assim um estúdio. E aí, eu participei dos treinamentos no Fluminense, a equipe do Rio de Janeiro pra conseguir a equipe do Rio de Janeiro e aí eu fui treinar no Fluminense pra escolher a equipe e fui felizado, escolhido e tal e não fiz feio quando representei o Rio lá com karateca...

M: Você tinha quantos anos mais ou menos?

P: Vinte e três, né, é... vinte e três. Vinte e três não, eu já tinha mais: vinte e sete anos. Vinte e sete pra vinte e oito assim. Eu me casei com vinte e sete, é... vinte e sete pra vinte e oito quando eu tava disputando que eu fui campeão... Aí, quer dizer, nesse período, eu treinava no Fluminense, tinham quinhentos atletas pra dis, na época a equipe era cinco atletas, hoje são só três pra representar a equipe, mas na época eram cinco, e de quinhentos atletas, escolher cinco, eu me senti honrado, chorei muito... sou emotivo então eu chorei muito quando fui escolhido e acho que, nesse período, quer dizer, eu sonhava com muitas coisas, ah, as vezes eu pensava assim, não sou nada, não sou ninguém, já trabalhei muito em casa de família, fui pros correios, cultura e tal, telecomunicações, fiz cursos, claro né, aprendi muito, fiquei muito feliz mas não me dava dinheiro suficiente pra me manter no meu padrão, sonhava. Sonhava com, sabe, atravessar o oceano, continentes, conhecer a cultura lá fora, em telecomunicação entendeu, então aprendi muito. Então nesse período era de viagens mesmo. Aí...

M: Mas você tava trabalhando... telecomunicações que você fala é...

P: Nos correios. Comecei a sonhar, quando sai e fui pra...

Fim do Lado A

P: Ué, e você já botou outra fita aí?

M: Virei...

P: Cortou né?

M: É... Mas aí você tava trabalhando, você saiu dos correios e foi, voltou a trabalhar em casa de família mas continuou pensando...

P: É, casa de família, então aí eu falei... aí nesse período, eu tava sonhando né, tava sonhando com... em ir viajar, ir pra outros lugares, cultura né, por que nesse tempo que eu trabalhei nos correios eu aprendi muito, mas nas casas de família também eu aprendi muito, mas a medida que você vai abrindo sua mente com o estudo você começa a ter outros sonhos, de desenvolver, sabe, o seu ser, né? E eu sonhava, mas era sonho mesmo. Não tenho dinheiro, não tenho nada, mas ah, eu não quero pegar um avião assim pra ir pra São Paulo, queria pegar avião pra atravessar continente, o outro lado do mundo, né, e tal... Já que eu não vou mesmo sonhar não custa nada, né? Então eu vou sonhar alto, fazer um cruzeiro, sei lá, pelo mundo, muitos filmes, muitos livros...

M: [risos...]

P: Entendeu? Li muitos livros. Então a gente sonha né? Nesse período que eu tava na academia eu conheci essa pessoa que, no fundo era uma paquera, só que ela era uma pessoa casada e aí... a gente fica assim meio que paquerando, já que eu

tinha meio que uma posição dentro da academia, era assim, como é que eu vou dizer, adorado. É... admirado, não sei, por ter sido campeão, representava o Rio de Janeiro, aí fazia ginástica, todo mundo queria, sabe, é...

M: [risos]

P: É o que eu tô te falando, sem querer eu fui alguém. Aliás a vida toda foi assim, só que eu nunca percebi isso, [...?] pelas coisas que eu fazia, por que eu fazia bem, ninguém acreditava como é que pode uma pessoa se destacar, se destacar tanto no que faz, eu era bom em tudo que eu fazia, não é porque eu queria, é que era mesmo, entendeu? E essa pessoa começou a me admirar, né? E eu também, é claro, olhava, mas não me via na condição de ter essa pessoa... por que eu sempre me via como aquele garoto lá da roça, sabe lá que tirava leite, que nasceu no pasto, sabe? Não é uma coisa assim, eu desenvolvi, mas não tinha visto, não conseguia enxergar o meu desenvolvimento. E sim aquele garoto ainda da roça, entendeu? Eu era bonito. Não bonito fisicamente. A beleza interior, que as pessoas conseguiam ver essa luz de dentro de mim, e comecei a desenvolver, desenvolver... conversando com ela, ela falou assim: "Poxa, ah, voce trabalha aí?". Um dia ela me viu, passou de carro e me viu lá nessa casa. E ela, pô, me chamou, "Pô, você trabalha com isso, eu não acredito", "Como que não acredita, eu nunca disse que não trabalhava com isso, sempre disse, eu nunca enganei ninguém. Eu sou o que eu sou, sou pobre, sou, e trabalho cortando grama", "Não acredito isso, meu Deus do céu", não sei que lá... Poxa, mas você não quer ser meu caseiro, tomar conta da minha casa em Santa Teresa, não sei que lá, eu preciso de alguém como você, e vai ser mais fácil a gente estar junto... Aí houve esse papo, entre uma paquera, mas ao mesmo tempo, de, pô, ter um empregado dessa qualidade... você tá entendendo qual é o negócio?

M: Entendi.

P: Campeão de karatê, um cara que estuda, um cara que... mas que, poxa, faz esse tipo de coisa... qualquer pessoa quer ter um empregado nesse nível. Pagando pouco mas e um [...], era uma situação assim, uma paquera mas ao mesmo tempo, de vida, né? Aí, resolvemos os problemas que tinha que resolver com a casa que eu trabalhava, e fui realmente terminar a casa dela, por que ela não tava morando lá em Santa Teresa, ela tava fazendo uma mansão, e queria alguém pra tomar conta ali, ao mesmo tempo ela não queria perder né, a possibilidade de ter aquele cara ali, como homem, mas também como empregado. Mas poxa, era muito mais fácil, né? Aí, fizemos tudo que tinha que fazer e tal, me apresentou o marido dela e tal, que é um holandês, ela era pernambucana mas ele era holandês, já naturalizado e tal, e tinha uma firma de montagem de exposição. Aí eu fui lá, terminar, morando, tomar conta dessa mansão, tinha obra ainda, fazendo o jardim da casa, acabamos fazendo a maior amizade com o marido dela, e acabou não rolando nada por que a amizade foi tamanha, que não rolou mais nada, em outros níveis né? Só mesmo amizade e acabou, eu me casando, coisa e tal, e morando na casa, fiz o jardim dela todo e ele, sabe, acabou me levando pra firma dele, que era Fader(?) Arquitetura Promocional, tinha de âmbito, âmbito internacional, e eu comecei a contar os meus sonhos de viajar, fazia feira em vários países, poxa, eu... comecei a alimentar os meus sonhos, pô, via uma grande possibilidade de levantar vô, né?

M: Era feira de que? Explica um pouquinho assim...

P: Ah, era feiras, congressos... tipo assim, Bagdá, por exemplo. O Brasil, como casa [?], participava da International Fair de Bagdá, né?

M: De arte?

P: Não, não é de arte. Quer dizer, existe arte, na montagem, no coisa, mas na realidade é assim: cada pavilhão são sessenta, na época eram sessenta e dois(?) países que tinham negócios com Bagdá, então ela ehr, ia apresentar ehr, a exposição era pra apresentar os trabalhos que cada empresa exercia lá em Bagdá. O Brasil, o pavilhão do Brasil por exemplo, tinha a Mendes Jr. com estradas de rodagem, estradas de ferro, que era, que fazia essas estradas, em Bagdá... estradas de ferro e estradas de rodagem e... tinha a Petrobrás com as plataformas, aquele negócio todo, foi onde eu aprendi a amar o meu Brasil, é por que você começa a ver que, o país é tão grande, por que que você tem que, que ficar falando mal do seu país, você tá lá fora, bem quisto, por que, imagina, [?] é lugar de petróleo, pô, mas a Petrobrás vai lá pra fazer plataformas, quer dizer, o Brasil é bom em plataformas, né? Pô, a Mendes Jr. é uma empresa que vai abrir estradas de rodagem, quer dizer, o sistema de estradas do Brasil é bom, por que foi convidado pra ir lá for fazer... você começa a ver esse lado, então eu aprendi a amar o meu Brasil, por exemplo, a Wolkswagem, apesar que a Wolkswagem é parte alemã, parte brasileira, mas a parte brasileira, ah então você andava na rua, de dez carros que você via na rua, cinco eram Passat, entendeu? A diesel, tudo bem, mas brasileiro. Você tá entendendo, e isso me deu um grande orgulho... mas aí voltando um pouquinho atrás, quando eu conheci essa pessoa, que eu queria viajar, queria conhecer outro continente, e comecei a trabalhar e tal, ele me levou pra..., casei, tive filho, ele foi padrinho do meu filho, entendeu? E, acho que até agradeço isso por que meu filho também nasceu tipo num berço de ouro, né? Nasceu nessa casa, aonde a cultura fluía mesmo.

M: A sua família morava...

P: Nós morávamos... eu casei morando nessa casa. Aí, quer dizer, automaticamente, meu filho, devia ter uns dois anos, ele cresceu ali, não se falava de coisas bobas, sabe, só de cultura. Eu sai dali, fui morar na minha casa, nesse período, ele, quer dizer eu conversava com ele, e pedi um dinheiro a ele para comprar um terreno, tava casado então precisava de casa, né, então pedi um dinheiro a ele, ele me emprestou o dinheiro, eu comprei o meu terreno, comecei a fazer a casa, só que esse, essa casa assim, justamente a medida que eu fui trabalhando lá eu fui fazendo o jardim. Você não precisa contratar alguém pra fazer o teu jardim, nós vamos numa, numa chácara, e vamos escolher as plantas, eu conheço planta de inverno, planta de verão, tudo eu conheço, nós vamos, você vai escolher do seu gosto, eu sei preparar a terra, sei fazer um jardim. Fazer terra "planajem", fazer tudo bonitinho, nós vamos plantar, só que você vai escolher as plantas que você quer, nós vamos numa chácara e você vai escolher e acabei fazendo o jardim, na casa dele. E ele como arquiteto que era, tinha uma visão até de paisagismo assim, né, nós vamos pô, é a casa do cara, uma mansão mesmo, falei, fiz bonito, fiz bonito...

M: E a casa que você construiu pra você morar era onde...

P: Em Cabuçu, lá em Nova Iguaçu, que ainda existe até hoje. Aí o que acontece, ele acabou me dando de presente, me emprestando o dinheiro eu comprei e tal, mas aí depois ele me deu de presente, a construção do jardim dele, “não isso é uma participação na minha... na sua vida, entendeu, como você construiu meu jardim, vou te dar, isso aqui você não precisa pagar nada”. Assinou os documentos, eu tenho todos os documentos, o terreno e casa minha, foi lá fez a planta da casa, a gente acabou fazendo uma amizade, foi padrinho do meu filho, e como padrinho do meu filho a gente passa a ter um vínculo assim mais, mais familiar, né? Aí me levou pra firma dele, fui trabalhar na Fagui(?), né, Arquitetura Promocional, comecei a trabalhar com montagem, e aí, montagem seria o que? Feiras de Providência, na época, tinha Salão Náutico, eh, eh... a gente montava no Hotel Nacional que tinha inverno e verão, negócio de moda, montamos muitas exposições ligadas, também de arte, mais ligadas a stands, não muito como exposições que a gente faz aqui no Paço. Mas exposição de stands mesmo, né, de congressos de odontologia, de, eh, bienal, sabe assim né? Nada de, digamos, ...

M: Especifico...

P: Eh, eh, de um artista plástico, não. Não tava, era mais congresso. Aprendi muito, mudei meu padrão de vida e conhecimentos, fui aprendendo, aprendendo... e uma certa vez ela, ela, a esposa dele, chegou pra mim e falou assim; “Olha, o teu sonho vai se realizar por que você foi escolhido”... nós fizemos a Américas Telecom e eu fui encarregado de receber o material da Américas Telecom. Não é que eu fale inglês, na época não é que eu falasse muito, mas já tinha, né, dava pra comer. Não passava fome, então como as pessoas eram... muito, eram internacionais, então era necessário que tivesse uma pessoa que trabalhasse que tivesse uma noção assim, pelo menos, né, e na época, ele descobriu que eu, né, falava um pouquinho, e, eh, tinha um conhecimento de casa de família, de boas maneiras, eu consegui aprender alguma coisa. Fui receber esse pessoal, lá no setor de montagem, de trabalho, certo? Da Telecom, recebi todo o material e tal, então essa, a esposa dele veio dizer pra mim que tinha sido muito desenv, tinha me destacado bem nessa exposição e que o marido dela falou, “Olha, ele vai pra Bagdá, realizar o sonho dele”. E eu fiquei muito feliz, pulei mas chegou o dia realmente de ir , eu fiquei alucinado, era um sonho, mas era só sonho, de dormir mesmo e sonhar, entendeu? Pô mas quando você se depara que você vai realmente, outro continente, sendo quem eu era, um domestico, um jardineiro lá, um copeiro, levantar um vôo lá na primeira classe, pro outro lado do mundo, esse papo de mil e uma noites de Bagdá, eu sei lá eu fiquei assim...

M: [risos]

P: (...) Transtornado, sei lá, não acreditava que era verdade mas era. Aí fui e foi muito bom, muito boa viagem, a gente foi pra Frankfurt e aí comecei a comparar o meu Brasil, foi aí que eu to falando que foi nessa viagem que eu aprendi a amar o meu Brasil... por que eu comecei a comparar, pô, Frankfurt, tudo bem, [?] na Europa, tem uma lojinha de discos, tem um shopping discos, um shopping disso, um shopping daquilo, mas o Brasil tem tudo isso. Tem prédios grandes? Aqui também tem, é claro que, eu cheguei numa praça e tive vergonha de pisar, tava tão limpo, tão limpo, que eu tive vergonha de pisar, e não, pode entrar entendeu? Sabe? Uma

loira daquelas, linda, maravilhosa, com casaco de Vison de repente um casal vem, joga um papel no chão, ela abaixa e pega o papel, e bota na lata do lixo, quer dizer, é cultura, quer dizer ela não podia pedir praquelas pessoas não jogarem o papel, mas ela foi lá e pegou por que ela quer a cidade dela limpa. Então foi essas coisas que me fez ver que o nosso país tem problemas mas que, sabe, é bonito, é grande também, mas é claro que a gente entra em choque com cultura, aí tem um choque com Cairo, no Egito, só podia entrar em Bagdá pelo Egito(?) por que tava em guerra Irã e Iraque, então só podia entrar pelo Egito(?), então nós íamos por Cairo, capital do Egito, pra pegar um vôo lá, e eu fiquei chateado da vida por que já que eu fiz essa viagem toda, no hotel, no aeroporto né, pô aí todo dia de manhã, um tour para, sabe, quarenta minutos que a gente tava das pirâmides, é ir a Roma e não (?) ver o papa, não tem uma história assim...?

M: [risos]

P: Foi, por que eu não podia sair. O primeiro vôo que fosse pra Bagdá a gente tinha que sair. Estive mas não estive. Tem mas acabou, lembra do Gordo(?)? Fiquei chateado, trouxe na época, comprei os papiros, umas coisas do local, lógico já que você tá, com dinheiro, então eu comprei algumas coisas que eu trouxe pra mostrar, não é nem pra provar mas sei lá, de gosto mesmo assim, sabe? Pelo menos ter alguma coisa assim sabe? Aí no dia que chegou, três dias depois a gente conseguiu a viagem, chega lá, achei a cidade maravilhosa, muito bonita, mas muitas ruínas, muitas rachaduras, prédios, bombas e mísseis... a cidade linda, pessoas muito bonitas, porém inocentes, não inocentes, como é que eu posso te explicar, uma mulher por exemplo. Nós aqui no Brasil, a gente faz o que a gente olha (?), você não tem medo de olhar nos meus olhos por que você sabe que a gente é amigo, né, não tem problema, namorado, né, dá a mão, dá beijinho, assim entendeu? As mulheres não namoram, entendeu? Elas são objeto. São compradas como camelos, como, sabe? Trocadas né, então você olha as pessoas e vê assim tanta beleza mas tanta tristeza, entendeu? [?] Foi um choque muito grande com essa cultura, entendeu? O cara anda de mão dada, de dedinho, dão beijinho um no outro, enquanto que as mulheres são objetos, são deixadas pra trás. Digamos que um, um carro de carroceria tivesse dois casais por exemplo, os dois caras iam lá em baixo e elas na carroceria como se fosse uma cabra, um camelo, um pedaço de qualquer coisa...

M: Você chegou a ver alguma situação?

P: Ah, vi, não, deparei com situações... tive problemas inclusive né?

M: Você lembra?

P: Ah, lembro, uma das meninas... é que a gente foi prum hotel, aí depois tivemos que trocar por que o hotel que a gente foi era de lá mesmo, a gerencia era de Bagdá, nós éramos estrangeiros tínhamos que ficar em hotel, erh, de estrangeiro. Então a gente mudou, a gente foi pro Bagdá Hotel, que é um hotel italiano, de gerencia italiana, de italiano mas lá em Bagdá. Então a gente foi pra esse hotel e na recepção, trabalhava, uma boa parte era italiano mas uma boa parte era de Bagdá, e a menina por exemplo, era de lá, da recepção, ela não falava, eles não falam português, eles só falam árabe ou inglês, inglês eles falavam, apesar de não gostar

dos Estados Unidos, mas eles, mas não tem nada a ver né? Inglês é da da Inglaterra, né, mas eles falam a língua, ehr, o inglês. Eles falam bem o inglês, e lá o árabe. Aí o que que acontece, essa menina, ela pediu que nós não falássemos, que tentasse falar o português, um castelhano mais assim, mas tentando falar mesmo português que ela não sabia a língua direito mas entendia. Entendeu? E ia entender e era melhor que ela, que nós falássemos o português, castelhano assim mas nunca falar inglês. Automaticamente as pessoas iam entender o que ela estava falando, né, e nós não podíamos conversar com ela. E sim, no caso falando a nossa língua, era apenas informação né, de trabalho. E as pessoas não iam entender e ficava por isso mesmo. Tive uma situação difícil por que, poxa, era uma menina linda, linda, com um rosto, uma coisa, uma beleza que não dava pra não ser vista, aí pô, olhos nos olhos e tal, aquele negocio assim e você diz...[risos]

M: [risos]

P: Aí comecei a olhar pra ela e elogiei, pô “você é muito bonita, muito simpática, muito bonita”, e ela começou né, “Eu? Bonita? Eu?”, e cai o telefone da mão e tudo que tava na mão começou a cair, e eu “Ai meu Deus do Céu, falei alguma coisa errada aí...vão cortar meu pescoço”. Por que a gente já tinha sido preparado que lá eles cortam mesmo, entendeu, não tem história não. Ah, é que, só por eu ter falado aquilo ela se apaixonou, e já achou que eu tinha pedido ela em casamento por elogiar, por que ela nunca tinha levado um elogio na vida nem dos pais. Você imagina, ela tinha vinte e dois anos, vinte um pra vinte e dois. Então ela nunca tinha levado um elogio na vida nem dos pais. Pra ela, ela imaginou, sabe, ai meu Deus do Céu, só assim o cara é assim, como é que no Brasil, você ter um namorado, né, como é que é, por que eles não namoram, né, casa e vai pra cama, acabou... Aí ela ficou louca e ela abandonou tudo e foi atrás da gente na feira. Isso foi, a gente foi parar na embaixada, eu e o outro colega que é o arquiteto né, e fomos parar na embaixada por causa desse problema, entendeu? E pra explicar pra ela que eu era casado, que eu tinha filho que não sei que, mas não tem problema, lá esse negócio de bigamia, não tem problema, bastasse que eu tivesse condições de, mas ela não queria nem saber, e aí foi uma situação muito difícil, embaraçosa, pra explicar que não era isso, era um elogio apenas. Ela não queria saber não, queria vir embora comigo. Aí passou e tal, continuamos a fazer o pavilhão que tínhamos que fazer, teve uma situação que caiu dezesseis misseis lá, e você, começa a tremer o prédio todo, explodir... eu pelo menos, tive uma tremedeira na barriga, passei mal um medão mesmo... uma coisa é você estar aqui aí começa um tiroteio numa favela, aí você pega um ônibus, vai pega um táxi, lá você vai sair pra onde? Aí só vê que tá explodindo, e é guerra, né, cada esquina tem uma metralhadora, um fuzil, cada prédio tem um antiaéreo, entendeu? [...?] você ta, campo minado, entendeu, então a cultura é legal, mas na época que eu fui não foi uma viagem assim mil e uma noites, foi até mil e uma noites mas não no sentido de divertimento só de coisas loucas mesmo, assim ahaa, explosão... porra, voltamos né, acabei saindo dessa firma, na época do Collor, acabei saindo, teve aqueles problemas de prender dinheiro, aquele negocio todo, foi quando eu comecei a trabalhar como vigilante, tal como vigilante e vim trabalhar exatamente no Paço, aonde eu comecei a montar exposição também. Exposição de arte, ter conhecimento com arte, apesar de ter conhecimento com arte lá de Portinari, do meu primeiro colégio, entendeu, chegou um dia que eu me senti muito orgulhoso de tomar conta de uma obra, né, de Portinari que da exposição era a obra mais cara, mais famosa, que era Paisagem de Brodoviski, e eu olhava

praquilo ali e eu poxa, todo mundo encantado, é claro que eu estava encantado, porém, já conhecia desde pequenininho quando lá em Barbacena [risos].

M: [risos]

P: Pequeninho lá em Barbacena eu já conhecia essa obra, quer dizer, claro que eu tava encantado mas me senti muito orgulhoso, depois de tantos anos eu tomar conta de uma obra de Portinari, que eu já conhecia a história lá do meu colégio, e tomando conta, importante isso, e depois comecei, depois que eu vim pro Paço, eu me senti muito, assim realizado, assim na vida por trabalhar aqui, de aprender muito mais sobre arte entendeu, aprender muito... sobre a vida mesmo, de amigos que eu conheci...

M: E como é que é o sistema aqui no Paço? É que eu não sei mesmo... é uma empresa que presta serviço ao Paço?

P: É, na realidade eu trabalho pra Transecur né, de vigilância, de segurança, né, [?], que presta serviço prum órgão federal, eles prestam serviço assim, é... da Transecur, então, eu sou funcionário da Transecur, tenho um contrato eventual no Paço pra montar exposição, desde que meu currículo foi apresentado e eu comecei a trabalhar com exposição então comecei a trabalhar na montagem de exposição, então hoje, por exemplo, to trabalhando na montagem dessa exposição, da próxima do Roberto Marinho, e, durante esse período, eu to trabalhando na montagem, não trabalho pra Transecur, como vigilante, assim que inaugurar a exposição eu vou, boto o uniforme e vou ser vigilante, e nesse período da montagem, eu sou montador, trabalho pro Paço com um contrato eventual. Não sou funcionário do Paço mas tenho um contrato eventual. E, vou levando essa vida assim, é claro que, como montador eu aprendo muito né, com os artistas, os vivos, né, e outros, assim, as vezes, participo de palestras, né, até com você né? Poxa você quando, né, aqui, como monitora me deu algumas explicações da vida, da arte, né, da história da arte, né? Que eu achei importante, né, muito importante por sinal e, é isso, a gente ta aqui pra, feliz né, cinqüenta e dois né, assim satisfeito, dois filhos assim, três filhos, mas um nas Filipinas, a outra fazendo Pedagogia, o outro fazendo, ehr, Teologia, né, vai ser missionário, quer dizer, eu me sinto um homem realizado, sabe, um cara que nasceu no pasto, literalmente, lá no meio do curral – não tem problema não? – no meio da bosta, né? [risos] Pisando em terrenos onde pisou reis e rainhas, né, e as vezes tomando decisões, matéria de filmes, de...

M: Qual filme? Do...

P: Ah, eu, eu, participei do vídeo né, “Presente dos Deuses”...

M: Hmm, como é que era?

P: Um documentário né, um documentário que participou do CCBB, lá do documentário tudo é verdade, que todo ano tem né, e de cento e noventa e dois filmes foi o décimo quarto, não é por que eu participei, eu fiquei feliz, pela cultura do Brasil, os filmes né, as pessoas tão pensando alto, e tão fazendo alguma coisa importante e por eu ter participado, o título né, ter tido a felicidade de...

M: Como é que foi...?

P: De ter dado o título ao filme...

M: Como é que você deu o título pro “Presente dos Deuses”?

P: É como toda essa história que eu to te falando, quando eu vim pra cá trabalhar no Paço é como um presente dos deuses, né, você aprende, você tem contato com os artistas, com arte, é ganhando pra trabalhar...então, poxa, quer presente melhor do que isso, você trabalhar num lugar onde você ganha pra aprender, é como um presente dos deuses, de todos os níveis, de todos os deuses que existem, lá do, sei lá, já que eu fiz karate, você pensa lá nos Olimpos, né, Zeus, e fiz artes, e fiz também teatro, então, você começa a pensar em todos os deuses né, então você se sente presenteado. O Deus maior claro né, mas você se sente presenteado, então estar aqui é isso, é como um presente dos deuses, então isso foi a palavra que gerou o título do filme e era um documentário exatamente de vigilantes que, poxa, teve um contato com a arte, né, e foi transformado e eu literalmente fui transformado pela arte, como nasci lá no pasto, no curral e esse negocio todo, poxa, de repente pisando onde pisaram reis e rainhas, princesas e palco de tantas decisões, faço parte né, desse povo que aqui está, e como participante desse filme, tomando conta de arte e montando arte, vivendo arte, eu cheguei a brincar a pensar em fazer alguma coisa de arte, entendeu? Pensar em duas instalações que uma delas eu vou chamar de, de “Cama de Gato”, que já ta...

Fim da Fita 1 – Lado B